



Era uma vez...

...um planeta paradisíaco, com uma natureza exuberante e equilibrada onde todos eram muito felizes. Todos os cidadãos viviam em harmonia com a natureza.

Todos viviam em perfeito equilíbrio e os humanos não consumiam mais do que a natureza era capaz de repor. Todos sabiam que, mais importante do que a sua felicidade imediata, era a sustentabilidade do Planeta que estava acima de todas as prioridades pois, além de ser mais económico para todos, assim se

garantia a sua sobrevivência, o seu futuro e o dos seus descendentes. Os maiores esforços tecnológicos eram desenvolvidos nesse sentido, nomeadamente projectos relacionados com a medição e controle dos níveis de dióxido de carbono, temperaturas do ar e da água.

Quase ninguém fumava nesse Planeta pois, para além de fazer mal à sua saúde, era punido com actividades ecológicas obrigatórias como a recolha do lixo ou a produção de energia com esforço físico. Todos sabiam que o ar era o bem mais precioso e se o perdessem por 2 ou 3 minutos morreriam.

Quase não havia emissões de gases tóxicos para a atmosfera, pois eram conscientes de que esta era limitada e fechada pelo que, todas as emissões afectariam o ar e, por consequência, os seus pulmões e o ambiente em geral. Claro que as árvores desempenhavam o seu papel de purificação de alguma dessa poluição atmosférica mas mesmo assim eram medidas as emissões e as filtragens para aferir do seu equilíbrio.

Nalguns casos em que a tecnologia ainda não estava suficientemente avançada e caso alguma empresa ou organização, poluisse um pouco o ar, a água ou a terra, era obrigada a compensar com actividades complementares que repusessem o respectivo equilíbrio. Por exemplo, algumas empresas de aviação que ainda usavam motores de combustão a jacto eram, em simultâneo, proprietárias de alguns dos maiores parques naturais florestais do Planeta. Só podiam fazer o número de voos correspondente à área de floresta que mantinham activa. Nenhuma actividade poluidora era permitida sem ter, em paralelo, a actividade correctora dessa poluição. Isto passava-se ao nível pessoal, empresarial e, sobretudo, ao nível dos governos locais que, simultaneamente davam o exemplo e policiavam os cidadãos.

O Estado era também responsável pelo serviço de recolha do lixo e resíduos sólidos, sobretudo em áreas urbanas. Muito do lixo orgânico era convertido em energia e os outros tipos de lixo eram reciclados em matéria-prima para indústrias de transformação. Os cidadãos pagavam uma taxa especial de acordo com o que produziam e separavam. Nas zonas rurais os habitantes podiam optar pelo serviço de recolha do Estado ou por reciclarem os seus próprios resíduos.

Os alimentos eram quase todos produzidos com processos de agricultura biológica. Eram muito mais saudáveis. Além disso, todos os produtos químicos tinham um preço muito elevado e quem os utilizava tinha que garantir a sustentabilidade dos seus solos e dos solos vizinhos numa extensão de vários quilómetros.

Muitos dos veículos eram eléctricos e outros tinham meios de propulsão amigos do ambiente, com uma tecnologia que ainda hoje se desconhece.

Os materiais de construção mais utilizados eram também todos recicláveis e o preço incluía não só o custo de extracção, mas também todo o processo de reutilização futura.

A maior parte da energia era obtida do sol, da chuva, do vento e das marés. Outras formas de produção de energia eram permitidas desde que se fizesse a respectiva compensação de reciclagem total e, em muitos casos, o processo não era economicamente viável. Por exemplo, a energia atómica tinha um processo complexo e caríssimo de reciclagem dos resíduos, pelo que quase não era utilizada. Os combustíveis fósseis eram também muito caros e pouco utilizados pois além dos custos de extracção e transporte, as empresas tinham que suportar os custos dos seus

parques florestais, das centrais de purificação do ar que eram obrigadas a construir próximo dos locais de venda, para além de outras taxas impostas pelo Estado para projectos de manutenção do equilíbrio ambiental perturbado pela sua utilização.

Toda a energia captada da natureza era armazenada com processos muito simples e ecológicos como as barragens hídricas e outros sistemas amigos do ambiente. Por exemplo, quase todos os prédios tinham uma coluna de betão que era elevada pela energia solar e eólica durante o dia e, à noite, essa coluna descia e fazia rodar um gerador que fornecia energia eléctrica gratuita a todos os condóminos. Era um processo tão simples que muitos se perguntavam como é que nunca ninguém tinha inventado tal coisa no passado. A tecnologia tinha avançado muito e a maioria dos aparelhos eléctricos domésticos eram muito económicos. Todos os prédios, bairros e cidades estavam ligados em rede, pelo que a energia captada da natureza e armazenada em barragens e colunas de betão elevatórias era controlada informaticamente e partilhada entre todos os cidadãos, quase sem custos para eles e a custo zero para a Natureza.

Para gerir e controlar o equilíbrio de todos os sistemas de produção, estava instalada uma complexa rede informática planetária ligada a equipamentos de medição e recolha de dados colocados em quase todo o lado. Essa informação era armazenada e processada em potentes e económicos computadores e disponibilizada na rede, de uma forma transparente, a todos os habitantes do Planeta.

Cada cidadão era como que um jardineiro e um polícia da saúde e qualidade de vida, tanto da sua como da de todos os outros seres vivos. Os computadores eram, provavelmente, as melhores ferramentas ao seu dispor, nesse sentido.

O exército era global e tinha como único objectivo a preservação da vida e a defesa do Planeta, de ataques internos e externos contra o seu delicado equilíbrio.

De forma a não incomodar eventuais vizinhos planetários, os satélites e sondas espaciais eram também recolhidas, no final da sua vida útil e devidamente reciclados.

As pessoas e empresas sentiam-se muito bem com este sistema. Dedicavam grande parte do seu tempo a desfrutar da natureza, das plantas, dos animais e do seu convívio com os seus amigos e família. A comida saudável que saboreavam, o ar puro que respiravam, a água límpida que corria nos rios, nas fontes e nas torneiras de cada um, era o maior prémio que se podia receber por morar ali. O mar era adorado por todos e, principalmente pelos surfistas, os que mais preservavam e colaboravam no processo de monitorização do seu equilíbrio.

Quem não respeitasse e vivesse em desequilíbrio com o Planeta era enviado para a Terra, esse Planeta distante onde os seus habitantes e respectivos governos ainda estavam a aprender a saborear e a respeitar a natureza e assim viverem, também eles, felizes e saudáveis.